

PAISAGENS E TURISMO: O OLHAR ROMÂNTICO SOBRE A LAGOA MIRIM – “LADO” BRASILEIRO¹

JACIEL GUSTAVO KUNZ
ANTONIO CARLOS CASTROGIOVANNI

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é evidenciar o olhar estético romântico como subjacente à valoração das paisagens lacustres costeiras, em geral, e da Lagoa Mirim (Brasil), em particular, por parte do turismo/lazer.

Aqui, o Turismo tem pelo menos duas conotações. Na primeira, Turismo, a primeira letra é grafada em maiúscula, em referência ao campo de conhecimento que surge no século XX e vem se consolidando no país, ganhando relativa autonomia, apesar de receber contribuições teóricas de outras ciências e/ou disciplinas afins, com destaque para a Geografia (REJOWSKI; MENA-CHALCO, 2019). Na segunda, a primeira letra é grafada em minúscula (turismo), pois refere-se à cadeia produtiva, ou aos setores de atividades características e, especialmente, ao fenômeno socioespacial complexo: concebemos o fenômeno que dá origem à atividade, e não o contrário (FRATUCCI, 2014).

A paisagem, assim como outros conceitos-chave da pesquisa socioespacial (SOUZA, 2016) possui grau de abstração e possibilidades analíticas distintas (SUERTEGARAY, 2001). Embora a paisagem não seja um elemento que explique a atratividade turística das localidades, é um fator que pesa em termos de estranhamento e familiaridades (YÁZIGI, 2002). Os turistas, ao visitarem um destino, não visualizam somente objetos separados, mas, sim, uma paisagem inteira (KNUDSEN; RICKLY-BOYD; METRO-ROLAND, 2012). O advento de um olhar do turista corresponde a uma estetização do olhar (URRY, 1999). É a apreciação estética que torna o lugar uma presença para aqueles que o visitam (BERLEANT, 2012).

A dimensão estética é a que delimita a paisagem em relação aos demais conceitos geográficos, como lugar (SOUZA, 2018). Em nível internacional, a Estética, até o momento, é pouco estudada pela literatura acadêmico-científica do Turismo no exterior, assim como no Brasil (KNUDSEN; METRO-ROLAND; RICKLY-BOYD, 2015). Enquanto são encontrados em

VERSÃO DIGITAL



COMO CITAR:

KUNZ, J.C.;
CASTROGIOVANNI,
A.C. Paisagens e turismo:
o olhar romântico sobre
a Lagoa Mirim – “lado”
brasileiro. In: In: VERDUM,
R. et al. (org.). *Paisagem:*
leituras, significados,
transformações. Porto Alegre:
Editora Letra1, 2021. v. 2,
p. 243-257. doi: <https://doi.org/10.21826/9786587422114-14>

¹ KUNZ, Jaciel Gustavo. *Turismo e paisagens na-da Lagoa Mirim: Complexus de práticas e significados*. 2021. 380f., Tese (Doutorado em Geografia), Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

periódicos do Turismo um número expressivo de artigos que tratam sobre paisagem (PUBLICAÇÕES DE TURISMO, 2021), escassos² são os que se debruçam sobre a perspectiva da estética, quer de cidades-patrimônio, quer de corpos lacustres (ANDRIOLO, 2016; KUNZ, 2021). Predominam, ainda, estudos que buscam avaliar a qualidade das composições paisagísticas de modo a convertê-las em recursos turísticos, a partir de indicadores ambientais de sua atratividade e conservação (PIRES, 2011), conferida por técnicos, geógrafos ou turismólogos. A percepção da paisagem é fator crucial para o ordenamento territorial do turismo (FONT, 1992). Portanto, para nós, o conceito de paisagem é um dos que mais dialoga com o saber turístico, além de participar das experiências turísticas.

Embora reconheçamos que o Turismo e o Lazer – poderíamos falar em Estudos do Turismo e Estudos do Lazer – sejam fenômenos imbricados e tenham interfaces evidentes, observamos que seguem sendo distinguíveis e possuem trajetórias próprias como campos de conhecimento (SANTOS E GOMES, 2016). Há mobilidades para lazeres cotidianos e mobilidades para lazeres extraordinários, demarcando o turismo (ÈQUIPE MIT, 2002 *apud* SILVEIRA, 2014). Entretanto, nas Geografias Culturais do Turismo (CRANG, 2007), há autores que procuram enfatizar a indissociabilidade entre turismo e lazer: o que os une é o caráter das práticas (CROUCH, 1999) desempenhadas pelos sujeitos. Nesse sentido, ideologias dominantes acerca de paisagem e da natureza são (re)construídas pelas práticas de turismo e lazer, ambas demarcadas pela dimensão cultural do encontro (CROUCH, 2006).

Elegemos o método da Complexidade em Morin (2011, 2015), ao entendermos a necessidade de religar os saberes, como os da Geografia e do Turismo. Complexidade vem de *complexus*, que nomina o “tecer junto”. Ademais, a Complexidade busca enfrentar o reducionismo disjuntor da Ciência Clássica. Ao mesmo tempo, não se contenta com o holismo, mas transita entre todo e parte dos fenômenos e objetos, reabilitando sua complexidade. A Complexidade propõe alguns princípios de inteligibilidade para compreendermos o mundo de forma menos parcial e compartimentada, como a dialogicidade (o confronto é visto como complementar), a recursão organizacional (inter-retroações), o hologramático (a parte está no todo e o todo está na parte) e o sujeito (que se auto-eco-organiza de modo constante). Buscamos uma interação complexa entre o espaço geográfico tripartite – espaço-extensão, espaço social e espaço fenomenológico – e o fenômeno turístico (PIMENTEL; CASTROGIOVANNI, 2015).

Diante disso, optamos pela pesquisa qualitativa, ancorada em procedimentos de técnicas e coleta de dados correspondentes. Afora a pesquisa bibliográfica, realizamos pesquisa documental (fotografias postadas por visitantes e comentários em plataforma de viagens, como *Trip Advisor*[®]) e coletamos dados primários: constituímos o *corpus* de imagens³ de acordo com critérios preestabelecidos e elaboramos uma galeria. Além dessas, os dados primários derivam da observação direta, não participante, em dois sítios – recortes espaço-temporais da Lagoa analisada – durante a temporada de verão de 2020, bem como entrevistas semiestruturadas com nove atores-chave da área, divididas em técnicas episódica (FLICK, 2009), projetiva e a partir da escala Likert⁴. As notas de campo, bem como as entrevistas foram transcritas na íntegra. O material resultante foi analisado por meio de análise qualitativa do

2 Os 222 artigos encontrados, na busca livre, no site Publicações de Turismo (2021), da Universidade de São Paulo, são reduzidos a nove ocorrências quando acrescentamos o termo “estética”.

3 Foram incluídas as 60 fotografias da Capilha e as 55 fotos do Porto de Santa Vitória do Palmar, que contemplassem/exibissem paisagens, postadas nos meses de janeiro e fevereiro de 2020, no Instagram, com *hashtags* localizando os sítios de estudo.

4 Escala numérica conhecida por ir do “concordo plenamente” ao “discordo totalmente”.

conteúdo, a partir da decomposição, codificação e recomposição do material (YIN, 2015). Balizamos pela estratégia do estudo de caso múltiplo (YIN, 2016), observando o critério de saturação teórica, visando à posterior triangulação teórica, metodológica e entre os casos (FLICK, 2009), para diminuir possíveis vieses. Neste trabalho, são consideradas os casos no “lado” brasileiro – Praia/Vila da Capilha (Rio Grande) e Porto Pindorama (Santa Vitória do Palmar), recortes da pesquisa maior, de doutorado.

Na próxima seção, discutimos as estéticas presentes e predominantes na valoração das paisagens pelo Turismo e pelos turistas. Na parte seguinte, refletimos o que entendemos por olhar romântico, buscando contextualizar suas origens. O objeto empírico é descrito na parte quatro. Na parte cinco, analisamos o caso da Lagoa Mirim, atendo-se aos sítios de turismo/lazer no “lado” brasileiro, cujo olhar para as paisagens atrela-se ao romântico. Após, tecemos considerações provisórias sobre o atingimento dos objetivos, os passos dados, bem como as inquietações derivadas deste, que podem ser encaminhadas em pesquisas futuras.

QUAIS AS ESTÉTICAS PREDOMINANTES NAS PAISAGENS DO TURISMO?

As sociedades continuamente investem suas paisagens de valores estéticos, a serem compartilhados pelos indivíduos na coletividade (CASTRO, 2002). Diante disso, as chamadas paisagens turísticas são resultantes da valorização diferencial, pela prática socioespacial do turismo, de alguns arranjos e formas, quer naturais, quer antrópicas, num determinado espaço-tempo: elas podem reforçar e dar origens a determinados estereótipos e/ou arquétipos (YÁZIGI, 2002). Essas paisagens são socialmente valoradas em termos estéticos, cognitivos e afetivos, a partir de determinados padrões culturais, muitos dos quais ditados por modismos e pela mídia (*idem*).

A experiência visual parece ser fundamental para compreendermos os entrelaçamentos entre paisagem e turismo. Na Europa dos séculos XV e XVI, a crença nos efeitos restauradores de alguns cenários e a crescente orientação para um *sightseeing*⁵ de caráter estético trouxeram um legado às convenções do turismo comercial, que despontaria posteriormente (ADLER, 1989). Já os séculos XVIII e XIX são um divisor de águas, mediante o qual a apreciação da paisagem toma a forma de Arte, ao mesmo tempo em que se converte em uma atividade de lazer para as classes escolarizadas (BRADY, 2003).

Novos códigos estéticos de leitura visual são implementados, à medida que as estruturas perceptivas do olhar são contingentes e apresentam historicidade, conforme mudanças técnicas socioespaciais ocorrem (YÁZIGI, 2002). O turismo porta seu próprio código de uso e leitura do espaço (PIMENTEL; CASTROGIOVANNI, 2015). Paisagens socialmente avaliadas de modo positivo podem, ou não, ser paisagens com grande potencial estético (BROOK, 2013).

Em sendo a Estética mais do que um paradigma visual que organiza o que se vê durante um passeio ou uma viagem, servindo também para naturalizar o que vemos, constitui-se em modo de ideologia visual (KNUDSEN; METRO-ROLAND; RICKLY-BOYD, 2015). Assim, pela natureza das relações que determina, a Estética pode despolitizar a paisagem turística, ao fazê-la parecer natural e de senso comum (*idem*). Neste, lançamos luz sobre os modos pelos quais a paisagem forma as experiências turísticas (TERKENLI, 2007).

⁵ Decompondo a palavra, trata-se, literalmente, de uma redundância de vista e ver. Contudo, no Português, pode ser aproximado à ideia de visitas a atrativos turísticos, aqui calçada no sentido visual. Ou seja, visitar atrativos e olhar são praticamente sinônimos.

Podemos falar de estéticas em nível de civilização, ocidental e oriental, na constituição de juízo estético-turístico, o que implica certo grau de concordância entre os sujeitos-turistas (KNUDSEN; METRO-ROLAND; RICKLY-BOYD, 2015). Fenomenologicamente, é difícil isolarmos as nossas experiências estéticas das recreativas, e isso é particularmente instigante ao pensarmos a valoração estética das paisagens no/pelo Turismo (BRADY, 2003).

Nenhum lugar merece ser visitado *a priori* (BOYER, 2003), nenhuma paisagem deve ser vista de antemão. Não há paisagens turísticas propriamente ditas, embora a presença de turistas seja um marcador para defini-las (PIMENTEL, 2010).

O turismo interpela as paisagens especialmente pela estética do pitoresco (GASTAL, 2013), manifestada em bordas do território, como o mar, o campo e a floresta (BOYER, 2003; GASTAL, 2013). A paisagem pitoresca funciona como o Outro no desejo do turista (MACCANNELL, 2011). A categoria do pitoresco e o fenômeno do turismo emergem no mesmo período (GASTAL, 2013). Com o pitoresco, pela primeira vez, a apreciação de paisagem torna-se uma atividade recreativa organizada (BRADY, 2003). No emergente Grand Tour, o pitoresco transmuta-se de teoria estética para uma prática turística; na Inglaterra, o pitoresco, em combinação com a viagem, institucionalizou o turismo (LÖFGREN, 1999).

O pitoresco se refere ao que se pode pintar e/ou à natureza como em quadro acolhedor (GASTAL, 2013). O pitoresco figura entre a pintura clássica e a romântica (LÖFGREN, 1999).

Segundo Santos (2017):

O pitoresco torna-se a face visível de um novo espaço mítico, facilitador do despertar de sentimentos e de paixões, um lugar convidativo ao andar na natureza como forma de os indivíduos se encontrarem a si próprios. O bucolismo paisagístico funciona mesmo como um símbolo de emoções e estados de alma subjetivos [...] (SANTOS, 2017, p. 298).

As principais características e conteúdos das estéticas da paisagem sublime e pitoresca são sumarizadas por Vieira e Verdum (2017), e são apresentados no Quadro 1. A estética da paisagem cênica fora discutida em tese de Vieira (2014) e não será aqui objeto de análise, sobretudo porque são as categorias do sublime e do pitoresco as mais diretamente associadas ao olhar turístico, por intermédio do Romântico.

A depender do tipo de destinação – se costeira, rural, urbana, etc. – e das práticas passíveis de realização, a categoria estética, sobretudo em termos de visualidade, pode variar entre o sublime e o pitoresco. Enquanto o pitoresco remontará ao bucólico, ao idílico e ao prístino, as atividades de aventura ao ar livre, como o *bungee jumping*, acionam e retomam as características da estética de um sublime acelerado, em que a verticalidade é fundamental, sob uma paisagem dinâmica – o turismo sacralizou o sublime europeu (BELL; LYALL, 2002). Não raro, o cansaço físico de caminhar até o topo de uma elevação é recompensado pela visualização de uma sublime paisagem (*idem*).

Ou ainda, ambas as estéticas supracitadas podem aparecer de modo ambíguo ao turista, solicitando-lhe distintas posturas, que vão do contemplar, ao caminhar e ao enfrentar as forças da natureza. Vejamos como a estética do romântico – cujo domínio oscila entre o pitoresco e o sublime, com destaque para o primeiro, no turismo – ajuda-nos a compreender a geograficidade da experiência turística de algumas paisagens lacustres.

Quadro 1 –Estética das paisagens pitoresca e sublime

Categoria estética	Principais elementos e características
Pitoresco	Aceita presença humana e “caracteriza-se pela singularidade, pela raridade, excentricidade, complexidade, variada e irregular, vibrante, com energia e graciosamente original”. (VIEIRA; VERDUM, 2017, p. 155).
Sublime	Manifestação da natureza. “A paisagem sublime caracteriza-se por gerar sentimentos ou sensações de medo, de inquietação ante a noção de um perigo real ou imaginário, de deformidade, de uma ameaça, de susto, de irregularidades, da variação repentina, do perigo, é a discordância entre a razão e a imaginação.” (<i>idem</i> , p. 155).

Fonte: Adaptado de Vieira e Verdum (2017).

O QUE ENTENDEMOS POR OLHAR ROMÂNTICO?

Segundo Brady (2003), o Romantismo tem diversas raízes, tais como: a mudança da beleza formal e ordenada; a exploração da liberdade humana em relação à grandiosidade e ao mistério da natureza; as teorias kantianas de imaginação, liberdade e gênio artístico; o idealismo alemão; e a ideia rosseauiana de nobre selvagem. As ideias filosóficas do Romantismo, que valorizaram a natureza, mantiveram-se centradas no humano, o qual dela se utilizaria para descobrir a liberdade (BRADY, 2003). O Romantismo rompe com a estética neoclássica, calcada na ordem, na objetividade e no equilíbrio, e abraça as paixões, tendendo ao desmedido e ao subjetivismo (ROMANTISMO, 2019), ou seja, há valorização da sensibilidade subjetiva e da emoção em detrimento da razão; desponta interesse pelo passado, bem como o apelo ao exótico e à utopia (GASTAL, 2013). “Na alma romântica há uma simpatia ativa pelo mundo que promove a sua abertura ao infinito” (SANTOS, 2017, p. 300).

O Romantismo, um dos pilares da (contra-)Modernidade, não é restrito a um movimento de época (SANTOS, 2017). Ele se define, dialogicamente, entre revolta e melancolia, como contraponto à industrialização e à urbanização europeias, como movimento político e filosófico, na contracorrente da Modernidade, embora permaneça de difícil definição (LÖWY; SAYRE, 2015). Cogitamos se “a busca da experiência estética como um fim em si mesma tornou-se, com efeito, o marco do movimento romântico” (HARVEY, 1996, p. 29). “O sentimento romântico consubstancia o extravasar do sentir [...]” (SANTOS, 2017, p. 296).

Mais que uma Escola, o Romantismo revela-nos uma verdadeira visão de mundo, que se alastra pela Europa de meados do século XVIII até fins do século XIX. No contexto em que o Romântico é teorizado, são relevadas contradições da irrupção da Revolução Francesa. O Romantismo nasce atrelado à ascensão burguesa e a movimentos de independência. Rousseau, um precursor do Romantismo, é pessimista quanto à sociedade e à própria civilização, redundando na premissa da natureza humana corrompida pela cultura. Diante disso, o filósofo exalta a natureza, a simplicidade, o primitivo (ROMANTISMO, 2019).

O Romantismo deriva, ainda, “de uma sensibilidade estética específica do culto das emoções fortes, de projeções utópicas de um mundo de beleza criada pela imaginação, o ímpeto regenerador do passado, como operador da mística e do gosto” (SANTOS, 2017, p. 291), além de uma mitologia propriamente romântica (*idem*). Nesse contexto, “a indústria cultural se apropria de alguns clichés românticos – a vida idílica das zonas rurais, o amor que se revela mais forte que as barreiras do dinheiro ou de classe, o indivíduo incorruptível que não se deixa comprar [...]” (LÖWY, 1995 *apud* SANTOS, 2017, p. 292). Nesse sentido, no romântico, há “[...] idealização da vida simples na natureza, onde a paisagem adquire uma objetividade poética” (SANTOS, 2017, p. 297).

No Romantismo, a natureza é acessada pelo pitoresco (GASTAL, 2013). Já para Brady (2003), o Romantismo surge como reação à perspectiva distanciada e elitista da natureza, experienciada pelo pitoresco (BRADY, 2003). As estéticas do pitoresco e do sublime estão na raiz do Romântico (PITORESCO, 2017). A paisagem romântica via a natureza como um “jardim harmonioso e acolhedor” (GASTAL, 2013, p. 113-114). O pitoresco reconhece a temporalidade da natureza, bem como seu caráter dinâmico e orgânico; aceita suas imperfeições, incorpora sua expressividade, negando-lhe o atributo de simetria. Essas características chegam ao auge com o Romantismo (BRADY, 2003), período no qual surge um gosto coletivo pelos cenários (CRAWSHAW; URRY, 1997).

Tuan (2015), ao contrastar com o belo, coloca que o Romântico está calcado também no sublime, na sua mescla entre o cativante e o horrível, entre a altura e a profundidade. Notamos o compartilhamento de características do sublime e do pitoresco no Romântico, embora em algumas obras, possa predominar ora uma matriz, ora outra. Ainda, pode refletir certa ambiguidade das duas categorias estéticas no cerne do Romântico. Assim, as raízes do Romantismo estão numa revalorização do campo e da natureza, em tempos de Revolução: a ideia de ordem (ecológica) é associada ao selvagem, e a cidade é vista com demérito, tida como caótica (TUAN, 2012). Em tal contexto, a essência nômade da humanidade, da busca por conhecer novos ambientes, está na essência do romântico (TUAN, 2015). E o romântico predomina e se perpetua, por meio do sublime e do pitoresco, no olhar do turista (URRY, 1999).

O movimento (de contemplação da paisagem) Romântico e Neorromântico foi gerado/gerador das chamadas viagens pitorescas a essa época, com finalidade voltada à observação. A viagem pitoresca é resultado de uma relação necessária entre uma verdade do lugar, a Modernidade e um método de observação meticulosamente estabelecido (MINCA, 2008). Também chamadas de excursões pitorescas, elas foram realizadas por diversos pintores paisagistas (LÖFGREN, 1999).

Nesse âmbito, “central aos romantismos, o subjetivismo radical investe no Eu como permanência, mas também como liminaridade dos indivíduos, como ru[p]tura com tudo o que possa transformar-se no não-Eu” (SANTOS, 2017, p. 295). Assim, o sujeito do Romantismo tem como um de seus tipos ideais o viajante solitário, que explora sua liberdade expressiva por meio de experiências de proximidade com a Terra, levando à autocompreensão e autorrealização (BRADY, 2003).

O pintor Caspar Friedrich (1774-1840) filia-se diretamente aos teóricos do Romantismo: é comum em suas telas uma natureza expressiva e não meramente decorativa (ROMANTISMO, 2019). Apenas para ilustrar em exemplo emblemático, ver a tela *Caminhante sobre o mar de névoa*, de Caspar Friedrich (1774-1840), que se encontra no Museu Kunsthalle, na Alemanha (Figura 1).



Figura 1: Caminhante sobre o mar de névoa.

Fonte: *Arte e Blog*. Disponível em: <<https://www.arteeblog.com/2016/06/analise-de-caminhante-sobre-o-mar-de.html>>. Acesso em: 24 fev. 2020.

É possível fazer a seguinte análise da obra, relacionando-a aos cânones do romântico.

A pintura encarna a essência dos princípios da estética romântica de paisagem, mostrando uma figura solitária confrontando a natureza em reverência. Em primeiro plano vemos a silhueta escura de um promontório rochoso, onde um viajante olha sobre denso nevoeiro e pináculos de rocha do vale, para as montanhas e picos distantes. O trecho cênico é dominado pelo espaço profundo de uma vista, levando-nos a querer saber o que está além. Os personagens de Friedrich que habitualmente estão de costas, para olhar o horizonte com muita atenção, são provavelmente autorretratos do artista. (ARTE E BLOG, 2018, p. 1)

Como gênero de pintura específico, as paisagens correspondem a uma estetização do olhar, despertando muita atenção dos geógrafos, já que são representações de áreas (GOMES, 2013). A pintura de paisagens ganhou imagética própria no Romantismo, no qual experimenta apogeu, seguindo, após, para o declínio (GASTAL, 2013). Nesse gênero, o belo romântico “[...] se refere ao subjetivo, ao variável e ao relativo” (BELO, 2019, p. 1). Diferentemente do clássico, o belo romântico é condicionado social e historicamente (*idem*). Não se pode aqui confundir beleza com perfeição (SERRÃO, 2017). A Geografia Humanista-Cultural fala em uma geografia romântica, aquela dos exploradores, topógrafos ou cartógrafos. Baseando-se na aventura, ela combina(va) o pensar, o imaginar e o sentir (TUAN, 2015).

Nesse íterim: “O Romantismo divulga o turismo entre as burguesias ascendentes, mimetizadoras dos hábitos aristocráticos” (SANTOS, 2017, p. 294). Assim, a emergência e edificação do fenômeno turístico é transpassada pela histórica influência seminal da cultura romântica (*idem*). O surgimento do termo *tourist*, em Londres, se dá exatamente na época Romântica (*idem*). Assim, o código estético-visual do Romantismo está subjacente ao juízo estético no turismo, pois é “[...] nas formas historicamente con[s]truídas dos imaginários espacio-temporais que se encontram, sob formas rejuvenescidas, muitos dos velhos fundamentos que incorporam o turismo contemporâneo” (SANTOS, 2017, p. 291). Ou seja, tal ocorre a despeito da evolução das tecnologias de dramatização e de imagem e da evolução e diversificação das performances turísticas (GASTAL, 2013). O olhar turístico romântico requer contemplação solitária, diferentemente do olhar turístico coletivo, que ocorre em meio a multidões, e cujos objetos fazem sentido exatamente nessa condição, a do urbano, em geral (URRY, 1999). O olhar sobre as paisagens as reveste de uma intencionalidade estética e, ocasionalmente, turístico-recreativa.

ONDE ESTÁ A LAGOA MIRIM?

A dimensão dos encontros turísticos refere-se ao encontro dos sujeitos-turistas com espaço, com outros lugares e outras paisagens, assim com o Outro sujeito (CROUCH; ARONSSON; WAHLSTTÖM, 2001). Cada um dos sítios de encontro estudados apresenta-se sob versões turísticas particulares do todo hologramado pelo lacustre – Lagoa Mirim (KUNZ; CASTROGIOVANNI, 2020a), que, por sua vez, é parte da unidade geomorfológica da Planície Costeira gaúcha, onde se localiza o maior cordão lagunar sul-americano.

O sítio uruguaio estudada na tese, apresentou performances e estéticas subjacentes à valoração turística da paisagem da Lagoa Mirim diversas às do “lado” brasileiro. Lago Merín tende a ser percebida como paisagem de férias (ver LÖFGREN; KUNZ; CASTROGIOVANNI, 2020b). Por isso, dado o recorte temático proposto neste trabalho, sobre o olhar romântico das paisagens lacustres, apreciamos os resultados dos dados coletados sobre a Capilha e o Porto.

A Lagoa Mirim (ou Laguna Merín, para os uruguaios) é lago localizado em uma enorme planície costeira na área mais meridional do Brasil, e a nordeste do Uruguai, sendo separada do Oceano Atlântico por uma extensa e estreita faixa de terrenos baixos, unindo-se à Laguna dos Patos pelo exutório do Canal de São Gonçalo, na altura de Pelotas e Rio Grande e, neste município, ao Oceano Atlântico. O talvegue segue, do sul até a foz do Rio Jaguarão, como linha-limite: cerca de 2/3 das águas estão no Brasil e 1/3 no Uruguai – ver mapa da Figura 2, com a localização dos sítios estudados, excetuando-se Lago Merín, “lado” uruguaio.

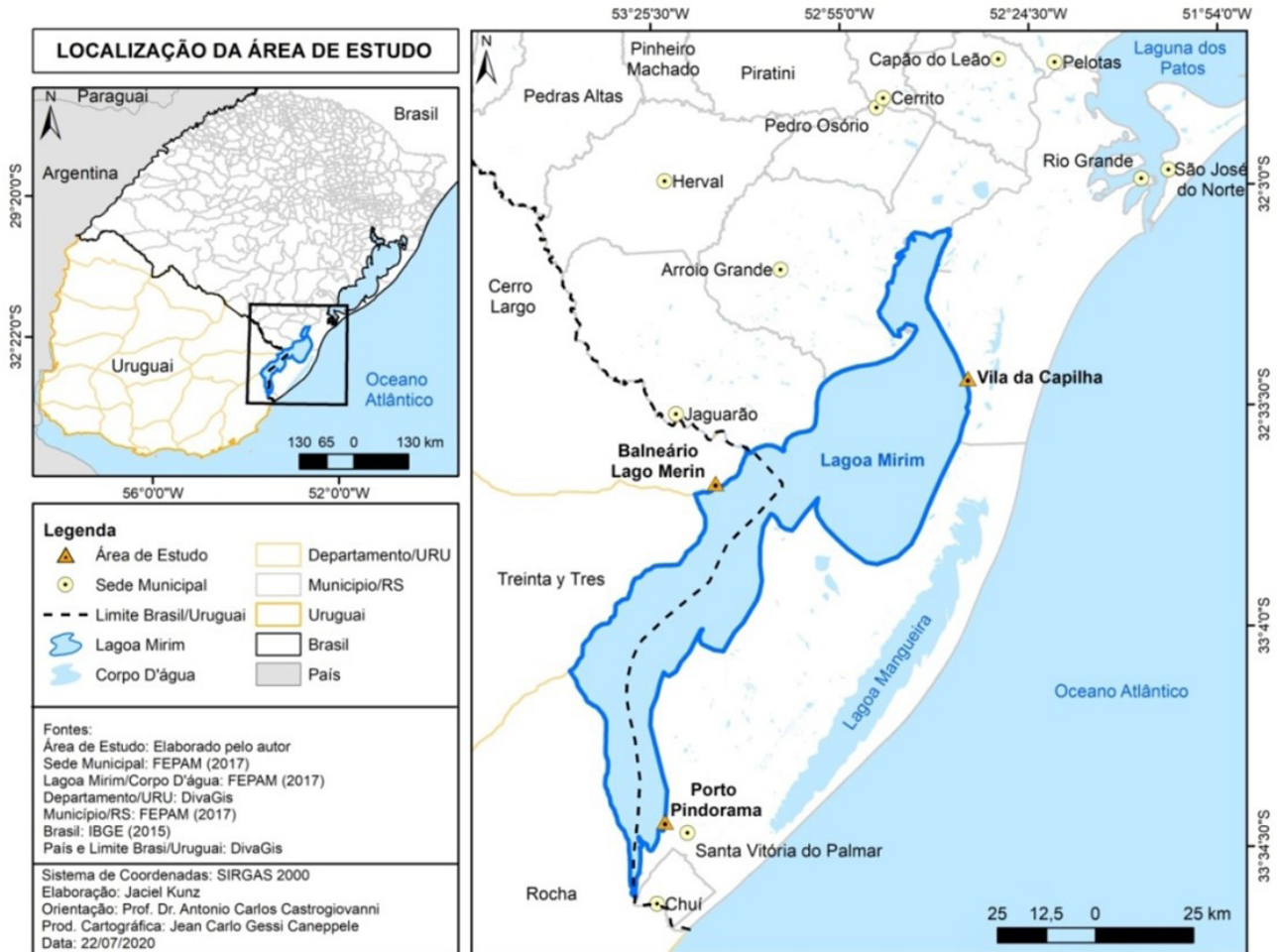


Figura 2 – Mapa de localização da área de estudo.

Fonte: Elaborado por Jean Caneppele (2020), sob solicitação de Jaciel Gustavo Kunz.

Em termos geológicos, a gênese das paisagens às margens da Lagoa Mirim devem suas características à formação da Planície Costeira do Rio Grande do Sul – PCRS (no Brasil), a qual expõe a porção superficial de uma enorme sequência de sedimentos depositados em ambientes marinhos, continentais e de transição. Isso é resultado de processos da tectônica global e da dinâmica costeira: trata-se de uma acumulação hídrica em depressão tectônica. A Lagoa é resultante de transgressões e regressões marinhas que ocorreram nos últimos seis mil anos (SCHÄFER; LANZER; PEREIRA, 2009).

Verificamos a relevância dos corpos d'água e dos banhados como categorias definidoras de elementos que compõem a beleza cênica e/ou qualidade intrínseca das paisagens, sem esquecer-se das matas de restinga, associadas a paleodunas, presentes no entorno da Lagoa Mirim. Em termos de belezas cênicas da porção litorânea, de ocorrência do bioma Pampa, a Lagoa Mirim aparece como um dos elementos elencados, especialmente, o Taim (*idem*). Assim, a Praia/Vila da Capilha e o entorno da ESEC do Taim são consideradas de interesse ecológico, estético e recreativo (RUDZEWICZ, 2018).

A Praia da Vila da Capilha, fundada em 1832, localiza-se no Distrito do Taim, município de Rio Grande, ponto onde a costa da lagoa está mais próxima da rodovia BR-471. A localidade, destino em ascensão para os viajantes de um dia e para turistas de temporada, está a cerca de uma hora de automóvel da cidade de Pelotas, centro regional, juntamente com a portuária Rio Grande. Da capela é possível descender à praia por uma passarela (KUNZ; CASTROGIOVANNI, 2020a). A Lagoa Mirim é recentemente apontada como um dos novos territórios do turismo/lazer em Rio Grande (RUDZEWICZ, 2018).

O Porto Pindorama (nome consagrado pelo uso), de Santa Vitória do Palmar, é o terminal aquaviário mais meridional do Brasil, embora desativado. O terminal assume o formato de barco; sua construção iniciou em 1942 (KUNZ; CASTROGIOVANNI, 2020a). O Porto também é considerado beleza cênica pontual (VIEIRA, 2014).

QUAL O OLHAR PREDOMINANTE PARA AS PAISAGENS DA LAGOA MIRIM?

Verificamos que, apesar dos elementos antrópicos e técnicos serem alvo de um olhar pitoresco, a apreciação dos aspectos naturais, como atmosfera e corpo hídrico, é superior, em detrimento do ambiente construído e, também, dos objetos pessoais, estes como materialidades das práticas.

Os barcos de pesca artesanal aparecem em maior medida no “lado” brasileiro da Lagoa – sete ocorrências em fotografias da Capilha e quatro no Porto. Outra pesquisa já apontara que algumas fotografias do Flickr denotavam o componente pitoresco e melancólico como construto simbólico da apreciação da paisagem lacustre (KUNZ; CASTROGIOVANNI, 2020b). Os entrevistados concordam que as paisagens lacustres da Mirim são comparáveis a uma pintura, o que retoma os ditames desse regime pictórico, sob “novos” formatos. O pôr do sol que aparece na paisagem fotografada da Capilha e do Porto, nos pontos de ativação turística em território brasileiro, o que também é destaque em pesquisa anterior (KUNZ; CASTROGIOVANNI, 2020b) (Figura 3).

Os entrevistados respondem afirmativamente à assertiva de que a paisagem da Lagoa Mirim é romântica e/ou os locais são românticos de se estar. Do mesmo modo, concebem que a Mirim força a uma parada e oferece-se à contemplação, uma atitude do romântico. Eles tendem a concordar que os turistas preferem contemplar as paisagens lacustres estudadas estando sós, ou com poucas pessoas em volta. Nas fotografias analisadas não é frequente o aparecimento de pessoas que não as figuras ou grupos intencionalmente fotografados. Em nossas observações, ficou evidenciado que isso é verdadeiro, particularmente, para o Porto de Santa Vitória.

Angélica, trabalhadora do turismo receptivo e moradora da Capilha, traz o seguinte juízo estético: “O pôr do sol aqui em cima, cada dia, é um mais bonito que o outro” (Angélica⁶, entrevistada em 2020). Esse fenômeno atmosférico, que corresponde ao jogo de pelo menos dois elementos – ar (atmosfera) e fogo – é elemento notável. “Nas primeiras décadas da fotografia, esperava-se que as fotos fossem imagens idealizadas. Ainda é esse o objetivo da maioria dos fotógrafos amadores, para quem uma bela foto é uma foto de algo belo, como [...] um pôr do sol” (SONTAG, 2004, p. 40). A maioria dos entrevistados concorda que o foco do olhar do turista está na linha do horizonte, que instiga a imaginação e que insinua os limites da imagem/paisagem ou, ainda, como paisagem focalizada, o que é próprio à natureza desse Sujeito. O uso da perspectiva é aumentado no/pelo olhar romântico (URRY, 1999).

⁶ Trata-se de nome fictício.

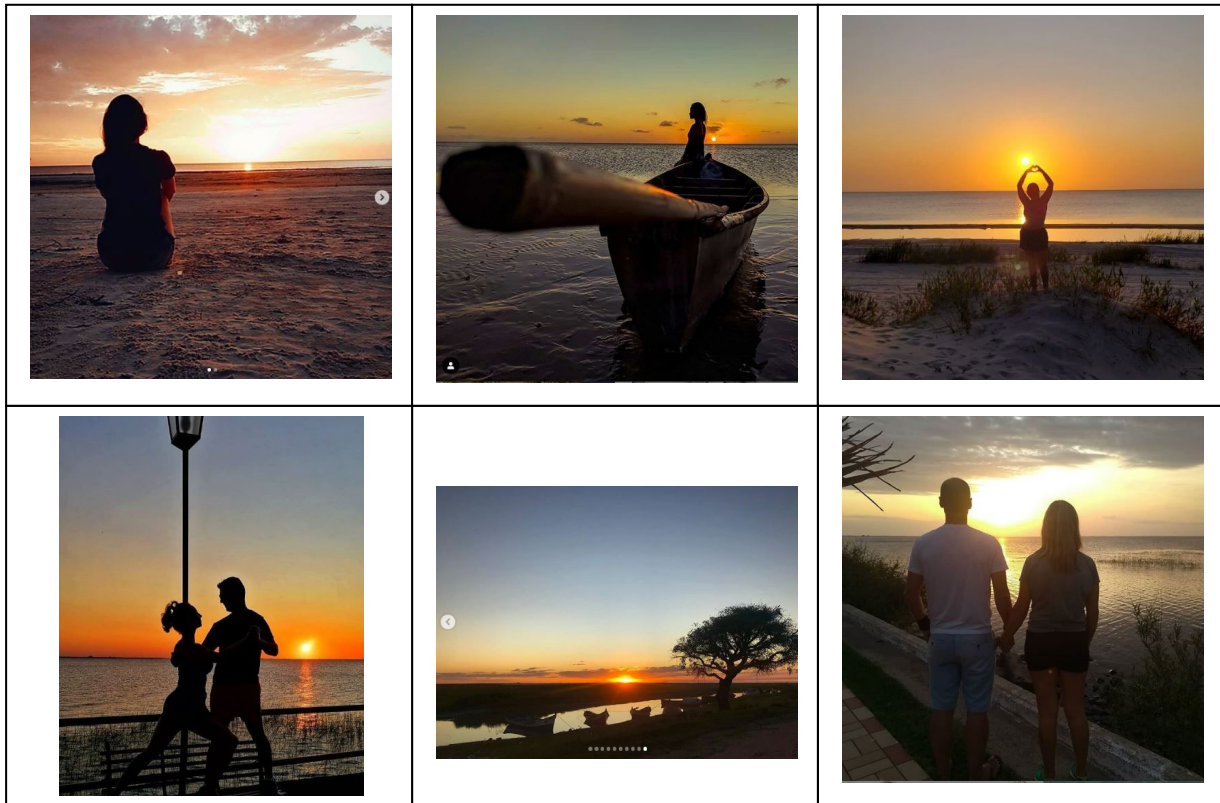


Figura 3 – Fotos-chave com registros do Romântico.

Fonte: Elaborado pelos autores, a partir da adaptação de fotografias postadas publicamente no Instagram.
Disponível em: <<http://www.instagram.com>>. Acesso em: 16 maio 2020.

Além de qualificadores convencionais de lugar, relacionado à sua estética e ao seu ritmo, (surpreendentemente) lindo, belo, maravilhoso, fantástico, tranquilo – foram também utilizados, em comentários do *Trip Advisor*[®], outros termos para descrever a Lagoa, traduzidos no gosto pelos lugares bucólicos e pelas paisagens pitorescas. “A Capilha é um pequeno e, ao mesmo tempo, grandioso paraíso do pampa”, relacionando o local ao bioma de que faz parte. Outros comentários vão na mesma direção: “lugarzinho escondido entre Rio Grande e Chuí”; “lugar bonito. Muito simples, mas íntegro, bonito e ermo”; “lugar muito diferente”; “uma paisagem peculiar”; “pacato vilarejo, com casinhas rústicas”, por vezes, se aproximando aos relatos do naturalista francês Saint-Hilaire, de dois séculos atrás, quando em viagem ao Rio Grande do Sul.

Nesse sentido, a Capilha tem sido descrita em relatos como local mitificado, em termos de uma “natureza quase intocado[sic]”. É levantada uma dicotomia entre domínio do ambiente natural e a (in) disponibilidade de infraestrutura para locais e visitantes. “*Roots*, muito bonito, nenhuma infraestrutura”, ou seja, uma tríade entre rusticidade, beleza e infraestrutura deficiente. Todavia, alguns comentaristas chegam à conclusão que: “Embora careça de infraestrutura de serviços, compensa com sobra pelo visual e tranquilidade do local.”; “nem [d]á pra cobrar uma rede de serviços mais forte no local, já que o charme do lugar é, de certa forma, a sensação de isolamento”. O caráter pitoresco das localidades ora é abordado como diferencial estético-paisagístico, ao mesmo tempo em que, funcionalmente, reclamam-se mais serviços, além de incremento da infraestrutura turística, o que provavelmente alteraria tal caráter.

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Pudemos avançar no entendimento das estéticas (e das éticas?) subjacentes à valoração de uma paisagem lacustre costeira específica, o que indica não somente os cânones que regem a sua visualização, mas também a atitude ambiental desse grupo de sensibilidade ou grupo interpretativo distinto, qual seja, do turista/visitante/*outsider*, alvo deste trabalho.

O Romântico, passados dois séculos de sua difusão nos centros europeus, segue sendo acionado em nossas práticas turísticas. Transita, no Turismo, impaciente entre o que sugere o sublime, mas, especialmente, o que propõe o pitoresco, como quadro de natureza agradável, sem esconderem-se as imperfeições; por vezes, tangencia o melancólico, que não é emoção negativa.

O pitoresco parece sobreviver exatamente pelas viagens turísticas, já que as Artes não o tem como centro de suas práticas, o que não exclui totalmente sua busca, em museus de Arte ou na natureza. As práticas e performances turísticas são continuamente rejuvenescidas, adaptadas, (re)negociadas, contestadas... Há dois eixos que se entrecruzam e se retroalimentam: os significados e as práticas da paisagem.

Mas os olhares turísticos que orientam as paisagens lacustres da Mirim, na porção brasileira, seguem, de certo modo, conservadores, e ainda focam em ocularcentrismo, a ser superado. Isso possui implicações na natureza dos encontros e dos engajamentos corpóreos, em que a visão faz parte. As paisagens de férias parecem tensionar modos estéticos vigentes no Romântico, e tentam ser instauradas, como uma relação Sujeito-objeto, especialmente na Praia da Capilha.

O olhar para as paisagens, embora relevante, parece não esgotar o conteúdo e os significados das experiências dos Sujeitos, turistas e lazeristas. Sentir o vento, o calor do sol, a temperatura da água, a granulometria da areia podem ser ativados de modo a ressignificar e reaproximar esses Sujeitos das paisagens lacustres, tidas não somente para olhar, mas também para habitar, ainda que provisória e ciclicamente. Em vez do distanciamento desinteressado e das vistas privilegiadas, o Sujeito faz parte dessas paisagens a partir de seus múltiplos sentidos. A paisagem lacustre parece não ser só o que se denomina de paisagem de água, mas um conjunto, um compósito em que a natureza desempenha o seu papel, mas também interage com elementos do ambiente construído e de artefatos. Ações de interpretação turística das paisagens lacustres, por meio de painéis interpretativos que permitam múltiplas leituras da paisagem una, são ora apontados como meio de densificar os encontros dos sujeitos com os sítios estudados.

Como perguntas que permanecem, faríamos: Na dialógica cultural edificada pelo *imprinting* e pelo calor culturais, em sendo o olhar romântico às paisagens lacustres um *imprinting*, seriam as fotografias turísticas digitais, em mídia social, o calor cultural em relação a essa valoração paisagística, possibilitando um amador-profissionalismo das fotografias e a verticalização das imagens para melhor acomodar-se às *selfies*? Estaríamos em uma transição entre a predominância da orientação “paisagem” para a valoração do retrato, da horizontalidade para a verticalidade? Estariam a percepção e a representação paisagística mudando, ou não? Seria o Turismo vetor de mudanças estáveis?

REFERÊNCIAS

- ADLER, Judith. Origins of sightseeing. *Annals of Tourism Research*, v. 16, n. 1, p. 7–29, 1989.
- AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DA LAGOA MIRIM - ALM. *Bacia Hidrográfica da Lagoa Mirim*. Pelotas: ALM, 2019. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/alm/?page_id=2103. Acesso em: 31 dez. 2019.
- ARTE E BLOG. *Análise de “Caminhante Sobre o Mar de Névoa” de Caspar David Friedrich*. Arte e Blog, 2018. Disponível em: <https://www.arteblog.com/2016/06/analise-de-caminhante-sobre-o-mar-de.html>. Acesso em: 24 fev. 2021.
- ARLEY, A. A paisagem da cidade histórica e turística: Fenomenologia da experiência estética. *Caderno Virtual do Turismo*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 91-105, dez. 2016.
- BELL, Claudia; LYALL, John. The accelerated sublime: Thrill-seeking adventure heroes in a commodified landscape. In: COLEMAN, Simon; CRANG, Mike (Org.). *Tourism: Between place and performance*. Oxford, Nova York: Berghahn Books, 2002. p. 21-37.
- BELO. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo402.belo>. Acesso em: 31 dez. 2019.
- BERLEANT, Arnold. The Art in knowing a landscape. *Diogenes*, v. 59, n. 1–2, p. 52–62, 2012.
- BOYER, Marc. *História do turismo de massa*. Bauru: Edusc, 2003.
- BRADY, Emily. *Aesthetics of the natural environment*. Tuscaloosa, Edinburgh: University of Alabama Press, Edinburgh University Press, 2003.
- BROOK, Isis. Aesthetic appreciation of landscape. In: HOWARD, Peter; THOMPSON, Ian; WATERTON, Emma (Org.). *The Routledge Companion to Landscape Studies*. Londres: Routledge, 2013. p. 108–118.
- CASTRO, Iná Elias de. Paisagem e turismo: De estética, nostalgia e política. In: YÁZIGI, Eduardo (Org.). *Turismo e paisagem*. São Paulo: Contexto, 2002. p. 121–140.
- CRANG, Mike. Geografias culturais do turismo. In: LEW, Alan A.; HALL, C. Michael; WILLIAMS, Allan M. (Org.). *Compêndio de Turismo*. Lisboa: Instituto Piaget, 2007. p. 97–108.
- CRAWSHAW, Carol; URRY, J. Tourism and the photographic eye. In: ROJEK, Chris; URRY, John (Org.). *Touring cultures: Transformations of travel*. Londres: Routledge, 1997. p. 176–196.
- CROUCH, David. Geographies of leisure. In: ROJEK, Chris; SHAW, Susan; VEAL, Anthony James (Org.). *A Handbook of Leisure Studies*. Londres: Palgrave MacMillan, 2006. p. 125–139.
- CROUCH, David. Introduction. In: CROUCH, D. (Org.). *Leisure/tourism geographies: Practices and geographical knowledge*. Londres: Routledge, 1999. p. 1–16.
- CROUCH, David, Aronsson, Lars; Wahlström, Lage. Tourist encounters. *Tourist Studies*, v. 1, n. 3, p. 253–270, 2001.
- FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. Porto Alegre: Bookman/Artmed, 2009.
- FRATUCCI, Aguinaldo César. Turismo e território: Relações e complexidades. *Caderno Virtual de Turismo*, Rio de Janeiro, v. 14, n. sup. 1, p. 87–96, novembro 2014.
- GASTAL, Susana de Araujo. Imagem, Paisagem e Turismo: A construção do olhar romântico. *Pasos, El Sauzal*, v. 11, n. 3, p. 123–133, 2013.
- GOMES, Paulo César da Costa. *O lugar do olhar: Elementos para uma geografia da visibilidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

- HARVEY, David. *Condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 1996.
- KNUDSEN, Daniel C.; METRO-ROLAND, Michelle M.; RICKLY-BOYD, Jillian M. Tourism, aesthetics, and touristic judgment. *Tourism Review*, v. 19, n. 4, p. 179–191, 2015.
- KNUDSEN, D. C., RICKLY-BOYD, J. M. e Metro-Roland, Michelle M. Landscape perspectives on tourism geographies. In: WILSON, Julie (org.). *Landscape perspectives on tourism geographies*. Londres: Routledge, 2012. p. 201–207.
- KUNZ, Jaciel Gustavo. *Turismo e paisagens na-da Lagoa Mirim: Complexus de práticas e significados*. 2021. 380f., Tese (Doutorado em Geografia), Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.
- KUNZ, Jaciel Gustavo; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Lagoa Mirim (Brasil/Uruguai): Três versões turísticas de uma paisagem. *Relacult, Jaguarão*, v. 6, n. 3, p. 1–24, mar. 2020a.
- KUNZ, Jaciel Gustavo; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Turismo e paisagens lacustres: Uma análise estética de fotografias da Lagoa Mirim (Brasil/Uruguai). *Turismo: Visão e Ação*, Balneário Camboriú, v. 22, n. 3, p. 508–532, 2020b.
- LÖFGREN, Orvar. *On Holiday: The history of vacationing*. Berkeley: University of California Press, 1999.
- LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. *Revolta e melancolia: O Romantismo na contra-corrente da Modernidade*. São Paulo: Boitempo, 2015.
- MACCANNEL, Dean. *The ethics of sightseeing*. Berkeley: The University of California Press, 2011.
- MINCA, Claudio. El sujeto, el paisaje y el juego posmoderno. In: NOGUÉ, J. (Org.). *El paisaje en la cultura contemporánea*. Madri: Biblioteca Nueva, 2008. p. 209–232.
- MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- MORIN, Edgar. *O Método 4: As ideias - habitat, vida, costumes, organização*. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- PIMENTEL, Mauricio Ragagnin. *Cataratas do Iguçu: Experiências e registros de uma paisagem turística*. 2010. 219 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- PIMENTEL, Mauricio Ragagnin; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Geografia e Turismo: Em busca de uma interação complexa. *Rosa dos Ventos, Caxias do Sul*, v. 7, n. 3, p. 440–458, jul./set. 2015.
- PIRES, Paulo dos Santos. Marco teórico-metodológico de los estudios del paisaje: Perspectivas de aplicación en la planificación del turismo. *Estudios y Perspectivas en Turismo*, Buenos Aires, v. 20, n. 3, p. 522–541, maio 2011.
- PITORESCO. In: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú, 2017. Verbete da enciclopédia. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3641/pitoresco>. Acesso em: 22 fev. 2021.
- PUBLICAÇÕES DE TURISMO. *Home*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2021. Disponível em: <http://www.each.usp.br/turismo/publicacoesdeturismo/>. Acesso em: 19 de fev. 2021.
- REJOWSKI, M.; MENA-CHALCO, Jesús Pascual. Mapeo de la producción académica de jóvenes doctores sobre con tesis sobre turismo en Brasil. *Estudios y Perspectivas en Turismo*, Buenos Aires, v. 28, n. 1, p. 38–60, 2019.
- ROMANTISMO. In: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú, 2019. Verbete da enciclopédia. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3640/romantismo>. Acesso em: 31 dez. 2019.

- RUDZEWICZ, Laura. *Paisagens lacustres e práticas turísticas: “com os pés na água” ou “de costas para a água?”* O caso da Laguna dos Patos, Rio Grande do Sul, Brasil. 2018. 294f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018
- SANTOS, José Manuel Figueiredo. A marcação turística do Romantismo. *Rosa dos Ventos*, Caxias do Sul, v. 9, n. 2, p. 290-307, abr./jun. 2017.
- SANTOS, Tatiana Néri de Aguiar dos; GOMES, Christianne Luce. Interfaces Lazer-Turismo: Um estado do conhecimento. *Rosa dos Ventos*, Caxias do Sul, v. 8, n. 4, p. 419-434, out./dez. 2016.
- SCHÄFER, Alois E.; LANZER, Rosane; PEREIRA, R. *Atlas Socioambiental Lagoas Costeiras I*. Caxias do Sul: Educ, 2009.
- SERRÃO, Adriana Veríssimo. Pensar a paisagem: Interpelações à estética de Kant. *Estudos Kantianos*, Marília, v. 5, n. 1, p. 43–57, jan./jun. 2017.
- SILVEIRA, Marcos Aurélio Tarlombani da. *Geografia aplicada ao Turismo: Fundamentos teórico-práticos*. Curitiba: Intersaberes, 2014.
- SONTAG, S. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. *Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.
- SOUZA, R. J. de. Paisagem e lugar: Alicerces de outra política. *Geografar*, Curitiba, v. 13, n. 2, p. 380-393, jul./dez. 2016.
- SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Espaço geográfico uno e múltiplo. *Scripta Nova*, Barcelona, n. 93, 2001.
- TERKENLI, Theano S. Turismo e paisagem. In: LEW, Alan A.; HALL, C. Michael; WILLIAMS, Allan M. (Org.). *Compêndio de Turismo*. Lisboa: Instituto Piaget, 2007. p. 381–390.
- TUAN, Yi-Fu. *Geografia romântica: En busca del paisaje sublime*. Madri: Biblioteca Nueva, 2015.
- TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina: Eduel, 2012.
- URRY, John. *O olhar do turista: Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. 2. ed. São Paulo: Senac SP, 1999.
- VIEIRA, Lucima de Fátima dos Santos. *A valoração da beleza cênica da paisagem do bioma pampa do Rio Grande do Sul: Proposição conceitual e metodológica*. 2014. 251 f. Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- VIEIRA, Lucima de Fátima dos Santos; VERDUM, Roberto. A estética da paisagem cênica, pitoresca e sublime. In: AZEVEDO, Ana Francisca; REGO, Nelson (Org.). *Geografia e (in)visibilidades: Paisagens, corpos, memórias*. Porto Alegre: Compasso, Lugar-Cultura, 2017. p. 129–158.
- VILWOCK, Jorge Alberto; TOMAZELLI, Luís José. Planície Costeira do Rio Grande do Sul: gênese e paisagem atual. In: BECKER, Fernando Gertum; RAMOS, Ricardo Aranha e (Org.). *Biodiversidade: Regiões da Lagoa do Casamento e dos Butiazais de Tapes, Planície Costeira do Rio Grande do Sul*. Brasília: MMA, 2007. p. 20–33.
- YÁZIGI, Eduardo. *Turismo e paisagem*. São Paulo: Contexto, 2002.
- YIN, Robert K. *Estudo de caso: Planejamento e métodos*. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.
- YIN, Robert K. *Pesquisa qualitativa do início ao fim*. Porto Alegre: Penso, 2016.